

JUVENTUDE E SEUS TERRITÓRIOS USADOS: um estudo em Campos dos Goytacazes

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes¹

Clarice Cassab Torres²

RESUMO

Este trabalho discute o uso e apropriação do espaço urbano pelos jovens pobres, privilegiando como eixos de análise a juventude enquanto categoria sócio-histórica, a pobreza e o território usado. Para tal, serão apresentados os resultados preliminares de uma pesquisa realizada com 20 jovens residentes nos bairros Custodópolis e Penha, no município de Campos dos Goytacazes- RJ, em que estes abordaram temáticas referentes ao bairro e a cidade. Os resultados demonstraram que as reconfigurações econômicas e espaciais contribuem para que os jovens pobres percebam e se apropriem da cidade de forma funcional e fragmentada.

Palavras-chaves: juventude, pobreza e território

ABSTRACT

This paper discusses the use and appropriation of urban space for poor youth, focusing its analysis as the youth as a social and historical concept of territory used. This will present the preliminary results of a survey of 20 young twenty residents in the neighborhoods and Custodópolis Penha, in the municipality of Goytacazes-RJ, where they discussed issues concerning the current condition of youth, the neighborhood and city. The results showed that the economic and spatial reconfigurations that contribute to poor young people understand and take ownership of the city and functionally fragmented.

Keywords: youth, poverty and territory

¹ Mestre. Universidade Federal Fluminense (UFF). juliananazareno@yahoo.com.br

² Doutora. Universidade Federal Fluminense (UFF).

1- INTRODUÇÃO

No Brasil, o desenvolvimento urbano, foi marcadamente influenciado pelas transformações econômicas, políticas e sociais proporcionadas pela forma de articulação do Brasil com a economia capitalista. Como característica destaca-se a segregação sócio-espacial, através da compartimentação da cidade em territórios estanquizados (PIÑON, 2007). Neste sentido, a cidade se fragmenta em vários territórios, minúsculos, submetidos à lógica do mercado e à síndrome do medo e da insegurança. Desta forma, a pobreza gerada pelo modelo econômico vigente, ganha uma dimensão territorial.

Neste contexto, segundo Piñon (2007), os jovens pobres, crescem na cidade, ajudam a construí-la material e simbolicamente, mas, na maioria das vezes, não se sentem parte dela. Assim, com base nestas considerações, a questão central deste estudo é a apropriação da cidade pelos jovens pobres, a partir das suas experiências cotidianas nos diferentes espaços, considerando o direito desses, à cidade.

O ponto de partida é a compreensão de que a juventude adquire sentido a partir das experiências condicionadas pelo tempo e espaço aos quais os jovens estão inseridos. Entende-se que os jovens pobres, especialmente os residentes nas áreas urbanas, sofrem com os processos de constrangimentos, restrições e distinções espaciais, em função de sua classe social, seu local de moradia e sua própria condição de jovem. Neste sentido, a dimensão territorial ganha relevância no estudo sobre juventude, pois é no território, entendido como território usado (Milton Santos, 1993), que se vive o cotidiano e onde as experiências se realizam.

A reflexão a ser realizada neste trabalho está baseada nos resultados preliminares da pesquisa “Jovens e cidade: um estudo em Campos dos Goytacazes”³, que busca identificar as formas de circulação, uso e apropriação que os jovens constroem em seu movimento pela cidade. Os dados foram obtidos através de uma entrevista realizada em pequenos grupos, envolvendo vinte jovens, entre 17 e 24, residentes nos bairros Custodópolis e Penha⁴, no município de Campos dos Goytacazes-RJ.

³ Esta pesquisa é desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e pesquisa Geografia, Espaço e Ação – NUGEA.

⁴ Os bairros Custodópolis e Penha são considerados bairros de periferia, marcados pelos altos índices de vulnerabilidade que incidem sobre a população local.

2- AS CATEGORIAS JOVENS POBRES E TERRITÓRIO USADO

Entende-se a juventude como uma categoria sócio-histórica, não sendo possível falar em juventude no singular, mas em juventudes (CASSAB, 2001), porque as múltiplas formas de inserção do jovem, a partir de sua origem e posição de classe, determinam de que jovem se está falando.

Existem diferentes grupos juvenis que têm suas experiências influenciadas pelos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos. Desta forma, o jovem é um sujeito social, que se produz e reproduz na própria realidade.

Se cada juventude deve ser entendida a partir de suas experiências individuais e de classe, definiram-se como sujeitos deste estudo, os jovens pobres. Eles se caracterizam a partir do entendimento de que

A pobreza refere-se a distintas formas de privação de bens materiais e simbólicos fundamentais para a vida. Propõe-se pensar a pobreza não apenas como uma categoria econômica ou apenas política, mas como algo que está presente na própria produção da subjetividade dos indivíduos. Uma condição que coloca em risco a própria condição humana. (CASSAB, 2009, p.14)

Desta forma, a utilização do termo pobre é para situar o sujeito na sociedade a qual pertence e a pobreza, como fenômeno que os afeta, interferindo em todas as dimensões do indivíduo.

Assim, é abordada a apropriação da cidade por um grupo específico de jovens, que pouco experimenta os direitos dos quais são portadores, que são estigmatizados em função do seu local de moradia, que são vítimas freqüentes da violência e do desemprego e que estão no trabalho informal e em trabalhos com baixa remuneração.

Esses jovens se distinguem ou se assemelham a outros grupos juvenis em função de uma afinidade de valores, de modos de vida em comum e pelas estratégias de enfrentamento da vida cotidiana, que se entrelaçam ao ambiente urbano. Para Cassab (2009), a condição de pobreza, experimentada pelos jovens pobres, não se dá apenas pelas restrições econômicas, mas também pelo acesso, pelo uso e pela apropriação que fazem da cidade. É neste sentido que a discussão de território ganha relevância.

O território é o lugar do cotidiano, das experiências e da construção de práticas coletivas. Assim, é no território que os jovens experimentam a vida cotidiana e realizam ações. Cabe enfatizar que a noção de território, utilizada neste estudo, é formulada por Milton Santos, na perspectiva do território usado.

Milton Santos propõe uma apreensão do espaço na sua totalidade. O espaço seria a forma e a vida, em constante mutação, não existindo, então, espaço sem homem.

O homem que anima as formas espaciais, atribuindo-lhe um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente. (SANTOS, 1993, p.88)

O espaço, então, está indissociável da sociedade, formando o que Milton Santos denomina de espaço banal. Neste espaço estão abrigados todos os homens, instituições e organizações. Na medida em que o espaço é usado e apropriado, transforma-se em território usado e, assim, opera-se uma análise que considera a ação e o sujeito que a realiza. É no espaço, reconstruído e construído como território usado que os jovens se colocam.

Sendo assim, é na cidade que acontecem as relações sociais, onde as desigualdades se tornam evidentes entre os cidadãos e as diferenças entre os moradores se fazem sentir em função da ausência/presença e boa/má qualidade dos serviços públicos. Desta forma, é tanto um espaço de vida – onde as práticas cotidianas dos sujeitos se desenvolvem em torno de seus locais de trabalho, moradia, lazer, etc. –, como um espaço vivido, ou seja, ilimitado, reconstruído e representado pelo sujeito no seu imaginário.

Neste sentido, para Milton Santos (1993), o território vai se apresentando de forma complexa em relação aos que podem ou não usufruir dos serviços e recursos oferecidos na cidade. Essa lógica transforma a cidade em um palco de injustiças e desigualdades em que aquele com maior poder aquisitivo tem a possibilidade de utilizar todos os recursos disponíveis na cidade, enquanto uma parte significativa da população, desprovida de recursos, a utilizam parcialmente, como se fosse uma pequena cidade (local).

Assim, a pobreza gerada pelo modelo econômico vai se justapondo à pobreza gerada pelo modelo territorial, determinando quem será mais ou menos pobre em função do seu local de moradia. Nesse caso, a cidade produz cidadãos insatisfeitos, incompletos e diminuídos na sua razão de ser. “Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas.” (SANTOS, 1993, p.81)

Com isso, o ponto de inflexão para a análise da apropriação da cidade é o bairro, pois, esse é o primeiro lugar onde os jovens definem os itinerários cotidianos nos quais constroem as interações com a cidade. É no bairro, na relação com a cidade, que se vive o cotidiano e onde as experiências se realizam.

3- A APROPRIAÇÃO DA CIDADE PELOS JOVENS POBRES EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

O município de Campos dos Goytacazes está localizado na região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. De acordo com o Censo 2010, o município possui 463.545 habitantes, sendo que 90,2% residem na área urbana e 9,8% na área rural. Isso demonstra, que apesar de Campos ter se constituído economicamente através da produção de cana-de-açúcar, a crise desse setor e o advento da extração do petróleo, contribuíram para que, ao longo do tempo, a população fosse deixando a área rural e se fixando na área urbana em busca de novos postos de trabalho e, também, que áreas rurais fossem se transformando em áreas urbanas.

Além da configuração do capital na região ter propiciado a (re)organização territorial, também impactou o mercado de trabalho. De acordo com (CRUZ, 2003) o desemprego e o sub-emprego marcam profundamente o município, pois uma imensa parcela da força de trabalho é altamente desqualificada para as novas atividades econômicas regionais. Com isso, parte significativa da força de trabalho vive de biscates e mora em favelas e loteamentos clandestinos.⁵ Este quadro afeta os 23,45% da população que estão na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Esta situação acaba por determinar a condição de pobreza de parte da população, que experimenta a privação de bens materiais e simbólicos produzidos coletivamente e a apropriação do território. Os jovens que compõem o universo dessa pesquisa experimentam essa condição, como será percebido através dos dados que se seguem.

Primeiramente é importante destacar que a renda familiar mensal dos jovens pesquisados varia entre 1 salário mínimo e 5 salários mínimos sendo que a

⁵ Em 1980, existiam 4 favelas com aproximadamente 1.510 habitantes. Em 2000 já eram 32 favelas com 16.876 habitantes aproximadamente.

concentração está na faixa de 2 salários. Considerando o número de membros da casa a renda a *per capita* é em média de $\frac{1}{2}$ salário mínimo.

No que se refere à renda individual dos jovens, verifica-se que 12 jovens não a possuem e dos que trabalham, 4 recebem menos de 1 salário mínimo e 1 mais de $1\frac{1}{2}$ salário. Com isso, percebe-se um baixo poder aquisitivo destes jovens e suas famílias, que tem como uma das implicações, a inserção da maioria dos jovens (16) em escolas públicas municipais e estaduais.

A apropriação de bens simbólicos é analisada aqui a partir do acesso aos serviços e equipamentos culturais, associados à ocupação do tempo livre. Desta forma, o que se verifica é que os jovens, na sua maioria, buscam o lazer através de atividades que podem ser realizadas em casa ou no próprio bairro, como conversas na praça, participação em movimentos religiosos e ouvir música, ver televisão e acessar a internet em casa ou na casa de vizinhos.

Idas ao teatro, cinema e shows também foram citadas, mas com menor frequência, pois pressupõe não só o dispêndio de um recurso financeiro, considerado por eles alto, como também o deslocamento do bairro. Este último se torna um problema, pois os bairros são afastados dos lugares onde estas atividades acontecem e o transporte coletivo precário é um impedimento. Assim, a falta de recursos faz com os jovens não tenham a oportunidade de acessar todos os recursos culturais que a cidade oferece.

Outro aspecto a ser considerado é que, se a circulação pela cidade é ínfima se relacionada à busca por equipamentos culturais e de lazer, isso se modifica quando a busca é por educação e trabalho. Os jovens afirmaram que circulam pela cidade, em especial pelas áreas centrais, para estudarem e consumirem produtos de primeira necessidade (vestimentas, alimentos, medicamentos e atendimento à saúde). Também são para as áreas centrais que se direcionam os jovens que trabalham.

Estes elementos são compreendidos quando se compreende os bairros onde os jovens residem. De acordo com os dados da pesquisa, os bairros estudados, em geral, podem ser caracterizados pela baixa qualidade dos serviços públicos, como saúde, educação e saneamento básico. De acordo com alguns jovens, *“o bairro (Penha) tem muitos terrenos baldios. Ratos, baratas, mosquitos e formigas e não tem esgoto sanitário. Aqui nós utilizamos fossa”* (C). *“O bairro onde moro (Custodópolis)*

parece uma favela, com muitas ruas esburacadas, Ca sas quebradas, colégio de marginal. As crianças que entram lá saem como marginal” (J).

Estas percepções demonstram o que há de hegemônico entre os bairros periféricos, pois de acordo com Matoso (2010), nestes se acumulam problemas potencializados pela ação negativa do Estado, que não oferece estrutura adequada para a vida daquela população. Cabe destacar que a falta de equipamentos públicos de qualidade, em especial escolas e postos de saúde, fazem com que os moradores tenham que buscá-los em outros espaços da cidade.

Na maioria das vezes os jovens se referiram ao bairro negativamente. *“O bairro é violento, sujo, as pessoas são fofoqueiras, pra quem gosta de entornar (encher a cara de bebida e enfiar o pé na jaca) tem muita coisa, mas pra gente que gosta de um programa mais família é mais difícil” (R).*

Em ambos os bairros, os jovens apontaram para a falta de opção de lazer, como cinema, teatro, esportes, etc. e o alto índice de violência, em função da presença do tráfico de drogas que acaba gerando rivalidade entre facções e com isso, impossibilitando a circulação de pessoas em determinados lugares e horários. Este é mais um fator que contribui para que os jovens ocupem seu tempo em atividades realizadas dentro de suas próprias casas.

Como pontos positivos, os jovens relataram que o comércio é bom, oferecendo vários tipos de serviços e produtos. Esta percepção demonstra que os bairros periféricos vão se estruturando de forma a oferecer determinados tipos de serviços e produtos que facilitam o dia-a-dia dos moradores, tornando quase que desnecessário o deslocamento até o centro.

Durante as entrevistas foi possível perceber uma diferença na forma de perceber o bairro e a cidade entre os jovens homens e mulheres com e sem filhos. No que se refere às jovens, nota-se que seu olhar sobre a cidade e bairro é atravessado pela sua condição de mãe. Isso por que, ao se referir a estes locais, o ponto de análise foi a opção de lazer para a família e o atendimento aos filhos na área da educação e saúde. Já os jovens homens, chefes de família, além de olharem para o bairro e a cidade sob a ótica do que lhes são oferecidos como opção de lazer, tiveram como referência central as (não) oportunidades de qualificação profissional e de trabalho. Assim, percebe-se claramente uma questão de gênero a ser considerada na

discussão sobre a apropriação desigual do território, mas que em função dos limites deste texto, não será aqui desenvolvida.

Outro elemento que merece ser destacado para aprofundamento futuro é que a apropriação e circulação da cidade também merece ser analisada a partir do envolvimento dos jovens com movimentos religiosos. Através da pesquisa foi possível perceber que a participação em eventos religiosos propicia uma maior circulação dos jovens pela cidade, como ilustra o depoimento do jovem P: “Como faço parte da Igreja Batista, eu vou em muitos bairro por causa dos cultos”.

Por fim, quando os jovens foram perguntados sobre o desejo de permanecerem onde moram, 7 responderam que sim, alegando que mesmo com os problemas, os bairros são bons lugares para se morar. “Eu não tenho vontade de sair daqui. Conheço todo mundo e minha família está aqui.” (T) “Eu quero continuar aqui, acho bom morar aqui (Penha). Tem tudo perto.” (O). Porém, 5 disseram que não gostariam de continuar nos bairros, porque estes locais estão ficando cada vez mais violentos e 6 mudariam de bairro e de cidade para buscarem uma melhor inserção no mercado de trabalho.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das falas dos jovens foi possível perceber que a juventude não pode ser compreendida de forma unilateral, pois não é vivida da mesma maneira por todos. A experiência da juventude está condicionada à classe social, à condição de gênero, ao acesso aos bens públicos e culturais, bem como ao local de moradia.

Os jovens estudados possuem um perfil sócio-econômico semelhante, e por isso têm em comum o precário acesso aos serviços sociais básicos, como educação, profissionalização e saneamento básico, em função do seu local de moradia.

Morar em um bairro periférico significa vivenciar de forma intensa, as refrações da questão social geradas pelo capitalismo contemporâneo. Desta forma, esta dinâmica sócio-espacial interfere nas experiências sócio-culturais e nas interações que os jovens realizam com o outro e com as instituições. Neste sentido, a cidade e o bairro, passam a ser percebidos a partir da sua funcionalidade, e por isso, a circulação por esses espaços tende a ser restrita.

Assim, a desigualdade social, gerada por um modelo econômico excludente, impacta a cidade, produzindo “cidadãos insatisfeitos”, e aprofundando a pobreza.

Contudo, acredita-se, como Mattoso (2010), que os jovens, ao perceberem as distâncias sociais, possam desenvolver uma ação política que garanta o direito de cidadania e com isso, tenham condições de construir estratégias e projetarem um futuro possível.

5 BIBLIOGRAFIA

CASSAB, Clarice. *(Re) Construir utopias: jovem, cidade e política*. Tese de doutorado. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

CASSAB, M. A. T. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.

GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E ESTUDO EM COTIDIANO E SAÚDE. *Diagnóstico Preliminar Cidade de Palha*. Universidade Federal Fluminense. 2010.

MATTOSO, F. A. Dinâmicas sócio-espaciais e as experiências dos jovens na cidade desigual. *Revista Libertas*. Juiz de Fora. V. 4, n. 2, julho de 2010. Disponível em: <http://www.revistalibertas.ufjf.br/volumes.html>. Acesso em setembro de 2010.

PIÑON, M. de O. A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro. In: *IX Colóquio Internacional de Geocrítica: Los problemas del mundo actual – soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales*. Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24534.htm>> Acesso em setembro de 2010.

SANTOS, M. Guerra dos lugares. In: *Folha de São Paulo*. Caderno Mais. 8/8/1999.

_____. *O Espaço do cidadão*. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1993.

**V Jornada
Internacional de
Políticas Públicas**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

**23 - 26 agosto
2011**
Campus Universitário de Maracá
São Luís/Maranhão - Brasil

